

Linha Editorial

A Wamon - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas é um periódico semestral que visa publicar artigos, resenhas, traduções, entrevistas, ensaios fotográficos e notícias objetivando a contribuição de um debate no campo antropológico. A revista aceita contribuições em fluxo contínuo, que serão submetidos aos editores e pareceristas externos. Serão aceitos trabalhos em português, espanhol e inglês relacionados às temáticas antropológicas.

Apresentação

A revista Wamon surgiu a partir de esforços de alunos e ex-alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, que vêem nesta oportunidade a possibilidade de se consolidar como uma referência, na Amazônia, para pesquisadores e profissionais do campo antropológico. A proposta contempla ainda a circulação e divulgação de produção científica em antropologia, realizadas tanto na região norte, como em outras áreas de atuação dos profissionais brasileiros e de outros países.

A partir desta proposta, elaboramos o primeiro número da revista, lançado neste primeiro semestre de 2015, contando com contribuições de pesquisadores do Instituto de Estudios Regionales de La Universidad de Antioquia/Colômbia, Museu Nacional-UFRJ/Brasil, Universidade Nacional Autónoma do México, Universidade Federal do Amazonas/Brasil, Università Cattolica del Sacro Cuore –sede de Milano/Itália, Universidade de Brasília/Brasil e Max Planck Institute for Psycholinguistics-Nijmegen/Holanda.

O nome do periódico foi um grande desafio, pois teria que refletir este ambiente acadêmico intercultural. Neste contexto foi proposto o nome WAMON, que sugere enquanto significado, a expressão de pensamento e potencialidade do saber. Este termo foi obtido do povo Tukano sugerido pelo estudante indígena Tukano Rivelino Barreto, na ocasião mestrando em antropologia social do PPGAS-UFAM e votado pelo corpo discente do Programa em 2012. Vejamos como nos apresenta o termo Wamon por Rivelino Barreto:

Wamon

Todo ser humano, assim como os animais, cria seus mecanismos de proteção e preservação, para entrar em contato com o outro e com a natureza, em um exercício de autoafirmação que compõe uma característica específica de habilidades, afinidades e simbologias. Precisamente, essa noção de simbologia é que vem expressar a ideia de *wamon* em linguagens e noções tukano enquanto objeto “corporizado” de um poder interno e externo de um especialista Tukano, seja este *kumu* (benzedor), *bayá* (mestre de cerimônias musicais) ou *yai* (pajé).

Wamon, enquanto linguagem, vem da etnia Tukano (falante de uma língua) e se apresenta em duas condições: interno e externo¹. Enquanto poder interno se manifesta através de um objeto incorporado no especialista, isto é, está presente no corpo do sábio, como é o caso do *kumu* e também do *yai*. Destarte, o objeto pode ser uma pedrinha de beleza rara, podendo estar em qualquer parte do corpo ou precisamente em lugar estratégico. Assim, por exemplo, para alguns especialistas, especificamente para *yai*, existem dentro dos olhos pequenos espelhos (*eōphiri*) que se estabeleceram como resultado do processo de formação. Enquanto significado de um poder externo, se manifesta através dos objetos selecionados e preparados pelo especialista, onde é incorporado em cada objeto um poder que caracteriza a especialidade de um sábio.

O estabelecimento para a formação do *wamon* enquanto poder interno se efetiva a partir da virtude de cada pessoa, além do investimento dos mestres que acompanham o desenvolvimento do aprendiz. Em certo momento, do ponto de vista do poder externo, quando a formação tukana era estabelecida pelo sistema de reclusão, havia um ritual em que os participantes selecionados, geralmente crianças em início de adolescência, entre dez e doze anos em diante, eram levados à beira do rio, porto da aldeia, onde eram convidados a tomar banho e em cada mergulho que davam os mestres (*yai* e *kumu*) que acompanhavam o grupo pediam para que todos vasculhassem no leito do rio e trouxessem o que conseguissem encontrar.

Conta o *kumu* Luciano Barreto que “cada um trazia alguma coisa que ele encontrou no fundo do rio”. Esses objetos variavam de um para outro. Enquanto que alguns conseguiam trazer pequenos símbolos como pedras cristalinas, pequeno remo ou outro objeto que expressasse a ideia do belo, da razão, da sabedoria tukano, outros simplesmente boiavam com folhas e pedaços de galho. Nesse caso, os que conseguiam encontrar objetos de maior expressividade no fundo do rio eram aqueles que passariam a ser renomados *kumuum* (benzedores), *yaiwa* (pajés) e *bayaróá* (mestre de cerimônias rituais),

1 - Devido os valores do sistema patrilinear na região o discurso é sempre no sentido de uma interpretação masculina.

enquanto que aqueles que trouxeram objetos de menor importância passavam a ser considerados como sem virtude para assumirem uma função de maior relevância que abarca o conhecimento tukano: a de ser *kumu*, *yaí* e *bayá*. Vale lembrar que, geralmente, todo *kumu* é benzedor, enquanto nem sempre um *yaí* é benzedor. Nesse caso, na hora de atender um paciente, o *yaí* que não é benzedor precisa do auxílio do *kumu*. Mas também uma pessoa pode ser as duas coisas, isto é, *kumu* e *yaí*, como era, por exemplo, o tukano Manoel Juliano, o famoso *Kurianoyai*, pai do *kumu* Luciano Barreto.

No caso do *kurianoyai*, o *kumu* Luciano Barreto conta que “ele tinha seu *wamon*” guardado em uma pequena sacola (*wamon* externo), além de possuir duas pedras no pulso inferior das duas mãos (*wamon* interno). Ainda conforme Luciano, “toda vez que o tempo se apresentava com fortes trovoadas e chuvas as pequenas pedras faziam barulhos ao se tocarem uma com outra”, um fenômeno que para o conhecimento tukano tinha a ver com proteção ao dono e a todos aqueles que viviam naquela casa. Além disso, esses objetos também são utilizados para métodos de cura e proteção; bem como para ataques no conflito entre um sábio e outro.

Para Luciano, qualquer objeto pode se tornar *wamon*, desde que agrade a pessoa. Um exemplo claro são as pedras preciosas. Quando perguntado como isso poderia acontecer, Luciano diz que é como se “estivéssemos efetuando o benzimento do coração de uma criança”. Sendo assim, uma simples pedra passa a ter uma “vida”, um espírito, uma força, uma representação, enfim, um *wamon* de um especialista tukano. Nesse caso, uma pedra se torna *wamon* pela capacidade do especialista tukano que através de seus benzimentos e cuidado passa a adotar como seu instrumento de poder.

É importante ressaltar que *wamon* é um instrumento de poder que representa o caráter específico de um sábio, portanto, só o seu detentor é que sabe manusear aquele objeto, a ponto deste só obedecer ao seu dono. De forma que uma pedra passa a representar o corpo, e o poder que um especialista investe com sua sabedoria representa a alma e, no caso, se não houver uma atenção contínua a permanência da alma (o poder da sabedoria) no corpo (pedra ou outro objeto) pode se expirar. E, em termos tukano esse procedimento é entendido como *wamonnheriporasaãse*². Assim, percebendo que um *wamon* não tem a alma, um sábio logo reconhece que está ausente através do seu olhar, sentimento e toque com as mãos, e, geralmente costuma usar a seguinte expressão: *Heripōramarinkhani haatyamahã*³.

2 - Numa tradução livre, *heripōra*, dependendo da situação tem dois significados: coração e alma. Explico-me: a primeira é especificamente em se tratando do coração enquanto organismo que compõe o corpo humano, assim como dos animais também. A segunda envolve mais a questão da potencialidade dos saberes tukano; em prática tem a ver mais com a produção de conhecimento da razão tukana. Por sua vez *Saãse* significa por algo dentro de algo, no caso, dar vida a um objeto.

3 - Numa tradução livre *Heripōramarinkhani* haatyamahã quer dizer: esta pedra já não tem mais coração, mas não se trata do coração enquanto organismo humano, e sim da força e do espírito, da alma incorporada no objeto pelo poder do sábio indígena.

Uma vez feito os procedimentos necessários para dar uma vida/alma para um determinado objeto corpóreo, obviamente que esse instrumento passa a coexistir junto e à cerca do controle e ordenamento de seu proprietário. Conforme o *kumu* Luciano Barreto “cada *wamon* é como se fosse um cachorro que criamos, que quando vê pessoas estranhas, logo enfurece. Portanto, uma intervenção do seu dono é necessária para acalmar o cachorro”. Essa metáfora é interessante para entender o equilíbrio “mental” de um *wamon*. Voltando ao exemplo do cachorro, se o dono não intervir ao avanço do cachorro, provavelmente ele irá ferir uma pessoa desconhecida, ainda mais se ele for feroz. No caso do cachorro, geralmente, é na base de uma “bela surra”, mas no caso do *wamon*, é através do sopro de cigarro que se busca dar um equilíbrio de convivência com aspectos diferenciados.

Esse equilíbrio que se estabelece para o bom convívio de um determinado *wamon* é proporcionado por um sistema de conhecimento que na língua tukano se chama *Úró*, e que está sob o domínio dos especialistas como *kumueyai*. É importante salientar ainda que, nem todo *bayá* é benzedor, portanto, existem especialistas nessa área que só dominam esse dom da arte musical e cerimônias rituais, especificamente os *bayá*, que expressam seus *wamon* também no uso dos maracás, no toque do trocano, no uso das flautas sagradas, nos ornamentos dos cocares para dança, nas pinturas corporais, enfim, na expressão artística das cerimônias rituais. No caso, *Úró* significa a capacidade de uma mente dominar outra mente. Assim, a mente de um sábio é capaz de dominar a mente de outro sábio ou de qualquer pessoa, fazendo com que a projeção de outra mente seja alterada. Esse efeito não vem de um contexto sociológico, pelo contrário, vem dos contos protagonizados pelos demiurgos da história indígena, Tukano, no caso. É o que pode ser observado no conflito entre *YapáOãkhêe Sem Pinrô*, respectivamente deus (da história Tukano) e uma serpente.

Nos dias de hoje, mesmo em menor número, continuam existindo *wamon*. Esse instrumento de poder de um especialista que expressa um pensamento, uma sabedoria, que acompanha e protege o *kumueyai* em suas viagens noturnas ao universo imaterial. Que ajuda um sábio tukano a equilibrar o convívio entre o ser humano e o fenômeno da natureza. Esses fenômenos da natureza são precisamente as trovoadas, relâmpagos que inesperadamente, assustam as pessoas, criam medo e insegurança. Ainda segundo as informações do *kumu* Luciano Barreto, nas viagens noturnas que um *kumu* e *yai* realizam através dos sonhos para o universo imaterial, certo *wamon* passa a ser alguém da família, filho, pai, conhecido, amigo; um animal, cachorro, enfim, se manifesta em físico para acompanhá-lo e protegê-lo, no caso se trata também de outro espaço de formação, através de sonhos noturnos

De toda forma, esse instrumento de poder com sua representação é uma expressão do pensamento de um sábio tukano, que carrega um dom que recebe do seu proprietário para designar um equilíbrio entre aquilo que corresponde à sabedoria de um

conhecedor tukano para o diálogo, convivência e equilíbrio em suas circunstâncias. É expressão de um pensamento, mas que, na medida que passa a ter vida inspirada pelo seu detentor passa a ter uma ação própria, desde que seu dono esteja lhe dando vida e acompanhando constantemente. E pelo fato desse instrumento ganhar uma vida e poder de ação passa a qualificar um caráter específico de especialidade e profissionalismo de um sábio tukano na convivência em nível dos intelectuais tukano, assim como em nível dos leigos tukano. Enfim, *wamon* continua fazendo parte da vida tukana, assim como passa a ser discutido e compartilhado em contexto acadêmico.